

A QUESTÃO COMO FORMULAR UMA QUESTÃO EM PESQUISA QUALITATIVA.

Josefina Daniel Piccino,
Débora Candido de Azevedo,
Erika Lincoln do Amaral Leite,
Marcos A. T. Cipullo.¹

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discutir a importância da formulação da questão na pesquisa qualitativa. Tal necessidade surgiu da angústia explicitada durante cursos de extensão cuja proposta era trabalhar procedimentos metodológicos em pesquisa qualitativa (fenomenologia e hermenêutica) através de aulas teóricas e práticas.

Para tanto, um grupo desses cursos foi escolhido como sujeito. Partimos da própria dificuldade que seus membros tiveram, não só em suas pesquisas individuais, mas também na elaboração de uma questão de pesquisa comum a todos, tarefa prática do curso.

Concluimos que o ensino acadêmico de metodologia científica não contempla o cerne dessa dificuldade: a questão de pesquisa não pode ser descolada do percurso existencial do pesquisador. Além disso, as propostas metodológicas clássicas encontram-se ainda atadas ao modelo de Ciência Natural, ou seja, a separação sujeito-objeto.

Tratando-se de ciência humana, mais especificamente de pesquisa qualitativa, esse paradigma clássico precisa ser questionado, assim como proposto por Heidegger na introdução de *Ser e Tempo*, na qual indica os passos para a elaboração de uma questão a ser pesquisada.

Palavras-chaves: Fenomenologia, Heidegger, Pesquisa Qualitativa.

Abstract

This present paper aims to discuss the importance of formulating a question to a qualitative research. This necessity emerged from the observed anguish that came from courses that aimed to work classes with methodological procedures of qualitative research (phenomenology and hermeneutics) by theoretical and practical classes.

With this objective, one of the groups was chosen as subject. Starting from the difficulty they had not only in their own individual researches but also in the elaboration of a common question to all members of the group.

We concluded that academic taught of scientific methodology does not contemplate the main point of this difficulty. Such question can not be detached from the existential path of the researcher. Besides, the classical methodological proposes are still attached to natural science model, which is object-subject separation.

As we are dealing with human science, specifically qualitative research, this old paradigm, could be questioned, as it was proposed by Heidegger in his introduction to *Sein und Zeit*, where he indicates the steps to elaborate a question to be researched.

¹ Gostaríamos de agradecer ao grupo de trabalho pelo fornecimento dos relatos, ao prof. Luthero Maynard pelas aulas sobre elegância textual e a Cínthia de Souza pela tradução do resumo.

1. INTRODUÇÃO

Nosso objetivo, como grupo de estudos em pesquisa qualitativa, é entender de que maneira uma questão pode ser formulada com clareza em um trabalho científico. Pois será a clareza – o movimento em direção à *coisa mesma* - que norteará o desenvolvimento da pesquisa e definirá sua qualidade, precisão e rigor.

Mas, afinal, o que vem a ser uma questão? Para Piccino (2005),

“Ter ou estabelecer uma questão é ‘pôr em questão’, fato que envolve o seguinte movimento: algo se coloca como problema, mexe no *status quo*, altera uma situação estabelecida. Apenas assim, o pensador ‘coloca em questão’ e, por decorrência, estabelece uma questão. Este desacerto reflexivo - pensar - é o que gera a inquietante necessidade de buscar conhecimento. Pesquisar, daí, é imperativo. Mas surge a situação de como fazê-lo. Naturalmente, o primeiro passo é o estabelecimento da questão. Introduzir a questão, ensina Heidegger, é perguntar. O que significa instaurá-la de maneira adequada e estabelecer o caminho a seguir”.

Este trabalho será, então, uma reflexão possante sobre a questão da questão.

Introduzir é apresentar a questão e a pergunta disparadora ou as perguntas que têm que ser desenvolvidas para dar andamento à questão. Com isto, introduzimos o que será feito. Uma coisa é introduzir o leitor em um projeto; outra coisa é introduzi-lo em textos acadêmicos como dissertações, teses, artigos de revistas indexadas, etc. A introdução está suficiente quando se estabelece de maneira resumida a questão e os passos que ela nos obriga a seguir.

A clareza e precisão daquele que escreve um projeto ou o texto determinado pelo projeto, definem o passo a passo a ser seguido. Clareza significa desmembrar a estrutura da questão. Seu fundamento está naquilo que Heidegger (1997) disse sobre os momentos constitutivos da questão. A importância da questão está determinada.

Sempre ter em mente que a questão do pesquisador não é a pergunta a ser feita ao sujeito ou a ser desenvolvida em uma pesquisa documental ou teórica. A pergunta nasce da questão do pesquisador. Que é o “fundo” da pergunta. A questão a ser formulada precisa ser clara. Além da clareza precisa de quê? Tem a ver com o pesquisador e com aquilo que é pesquisado. Entendemos que isto diz respeito, então, ao seguinte: de onde nasce a questão?

Vale dizer que ocorre uma relação muito específica entre pesquisador e objeto de pesquisa no âmbito da pesquisa qualitativa fenomenológica. Eles estão unidos de uma forma muito especial. O objeto também determina a questão. Da parte do pesquisador nasce também um desconforto: *Por que estou fazendo esta pesquisa?* A questão a ser formulada o inquieta.

Quando o pesquisador se depara com o que vai pesquisar, pergunta: *como vou pesquisar?* Como fazer uma pergunta sobre aquilo que quer saber? Como elaborar uma pergunta que o leve a compreender aquilo que quer saber?

1.1. Estruturas conceituais heideggerianas para a formulação de pesquisas qualitativas em “análise da relação existencial”.

O esquema proposto por Heidegger para a elaboração de uma questão pode ser assim resumido:

- Apresentar a questão a ser desenvolvida ou discutida.
- Estabelecer bem a questão: ter os passos determinados.
- Por que a questão é necessária?
- Preeminência da questão
- Aspectos estruturais da questão, “momentos constitutivos mencionados”.

Estruturar bem a questão é ver qual é a questão, o essencial, o eixo fundamental. O que é fundamental em meio à variedade?

Heidegger nos ensina que perguntar envolve sempre:

- perguntar por...

- aquilo pelo que se pergunta
- aquilo de que se pergunta – é importante perguntar àquilo de que se pergunta para obter a estrutura do perguntado
- justificar - definir a importância e necessidade
- “A direção prévia tem que vir do buscado”
- “pôr em liberdade”, fazer surgir, liberar, fazer aparecer.
- justa medida
- investigação X o verdadeiro perguntar

No caso da “Análise da Relação Existencial”, os procedimentos heideggerianos destacados também servem como base para a formulação de um conjunto de guias paradigmática orientadores de análises realizadas por analistas da Relação Existencial em suas sessões de análise.

Começamos pelo “lugar” de onde o filósofo alemão parte.

No 1º capítulo da introdução de “Ser e Tempo”: “Necessidade, Estrutura e Preeminência Da Pergunta Que Interroga Pelo Ser”, como era de se esperar, Heidegger apresenta o que irá desenvolver – a questão do sentido do ser que fora abandonada pela Metafísica. Dizer que “Ser e Tempo” discutirá a abandonada *questão* do sentido do ser é já indicar o âmbito em que o trabalho se movimentará. Heidegger não desenvolverá um assunto, mas discutirá uma questão; não discutirá esta ou aquela questão problemática deste ou daquele sistema de outros filósofos de modo a modificá-los aqui e ali ou a ampliá-los. Mais que isso, ao declarar que tratará da abandonada questão do sentido do ser, “*colocará em questão*” a própria história da Metafísica, da mentalidade ocidental moderna.

Então, mais que apresentar o conteúdo a ser desenvolvido, Heidegger indica o âmbito de discussão e pré-anuncia o caráter desconstrutivo de “Ser e Tempo”.

Embora essenciais, não são as únicas tarefas que Heidegger realiza na introdução. O título deste 1º capítulo é clara indicação do que será explicado: a) porque a questão é necessária, b) sua estrutura de constituição e c) as razões de sua preeminência, isto é, de ser, dentre questões importantes, a mais importante. Para explicar a preeminência da questão do sentido do ser, Heidegger cita os argumentos com que os filósofos justificaram o abandono da questão e discute-os um a um. No processo, mostra o quanto retomar e rediscutir a questão é necessário. As três tarefas do primeiro capítulo da introdução são também formas de justificá-la e fundamentá-la. Cumpridos esses passos, Heidegger ocupa-se com demonstrar as partes constitutivas da questão: suas estruturas.

Já no 2º capítulo da introdução, Heidegger determina as tarefas que discutir a questão do sentido do ser envolve e, tendo-as em mãos, faz o esquema da obra. Desta forma, o esquema não é nada mais que apresentação dos momentos incluídos na própria questão. É este passo a passo realizado por Heidegger que interessa para este trabalho.

As tarefas de explicitar, justificar, fundamentar e legitimar a questão, e a forma como Heidegger as conduz, constituem um modelo de perguntar diferente tanto do modelo da filosofia lógico-dedutiva, quanto da ciência natural do mundo moderno. Este modelo de perguntar pode ser um caminho valioso para pesquisas qualitativas em ciências humanas e, para o nosso caso, a “Análise da Relação Existencial”.

De fato, por intermédio de sua forma de perguntar Heidegger (1997) se coloca no âmbito do método.

“Perguntar é um buscar. Todo buscar tem sua direção prévia que vem do buscado. Perguntar é buscar conhecer” o que é “e” como é um ente. Buscar conhecer pode tornar-se investigação ou pôr em liberdade e determinar aquilo pelo que se pergunta. Enquanto “perguntar por...”, o perguntar tem seu aquilo de que se pergunta. Todo “perguntar por...” é de certo modo “perguntar a...”. Ao perguntar é inerente ainda “... um aquilo a que se pergunta”.

Explicar as coisas dessa maneira é oferecer um modelo de como fazer, é oferecer método. Consideremos, então, um a um dos aspectos inclusos na citação acima:

- “perguntar é um buscar”,

- diferença entre buscar como investigação e “pôr em liberdade e determinar” aquilo pelo que se pergunta
- direção prévia do buscar vem do buscado
- “perguntar por...” tem seu aquilo de que se pergunta.
- “perguntar por...” é de certo modo “perguntar a...”.
- ao “perguntar por” é inerente um aquilo a que se pergunta.

Ter ou estabelecer uma questão é “pôr em questão” fato que envolve o seguinte movimento: algo se coloca como problema, mexe no *status quo*, altera uma situação estabelecida. Só assim, o pensador “coloca em questão” e, por decorrência, estabelece uma questão. Este “desacerto reflexivo” - pensar - é o que gera a inquietante necessidade de buscar conhecimento. Pesquisar, daí, é imperativo. Mas surge a situação de como fazê-lo.

O primeiro passo é o estabelecimento da questão.

Introduzir a questão, disse-nos Heidegger, é perguntar. Perguntar quer dizer estabelecer bem a questão, ou seja, instaurá-la de maneira adequada e estabelecer o caminho a seguir.

Em que consiste exatamente instaurar a questão de maneira adequada?

Adequação no estabelecimento de questão consiste em ter os passos a serem seguidos determinados pela própria questão. Heidegger quer defender com isto que a questão, ela própria, contém os passos que orientarão o pesquisador. Esta proposta, aparentemente óbvia é um dos pontos-chaves na desconstrução da mentalidade ocidental que Heidegger realizou.

O modelo heideggeriano exige um perguntar que torna evidentes “os momentos constitutivos” da questão. A dilucidação da pergunta tem seus momentos estruturais como indicações a serem seguidas. Também, os guias para o desenvolvimento do verdadeiro perguntar estão incluídos na própria questão. Isto quer, exatamente, dizer que a forma de elaborar a questão já define os caminhos da discussão tanto no sentido de tarefas a serem realizadas, quanto no sentido dos modos de realização das tarefas. A proposta heideggeriana em “Ser e Tempo” não é partir de um conceito pré-estabelecido à moda sempre executada pela filosofia lógico-dedutiva, mas, sim, realizar o verdadeiro perguntar. Este se caracteriza por instaurar a questão de modo que, todo o encaminhamento seja conduzido por exigências indicadas pela própria questão. A questão do ‘sentido do ser’, por exemplo, encaminha para a realização da analítica do *Dasein*. (Ontologia Fundamental). Além disso, tudo, a questão determina a “justa medida” da realização de cada tarefa.

No que diz respeito ao item estrutura da questão, Heidegger diz que se uma questão é fundamental ou importante, sua instauração deve tornar transparentes seus elementos constitutivos.

Para realizar esse esclarecimento, o criador da analítica do *Dasein* considera importante a pergunta ‘o que é o questionamento’? Então, define: “todo questionamento é uma procura”. “Questionar é procurar cientemente o ente naquilo que ele é e como é”. Isso quer dizer que interrogar deve permitir que ‘o questionador’ possa “conceber e alcançar o conceito”. Quer dizer também que o questionamento tem um modo próprio de acontecer. Em todo e qualquer questionamento, ocorrem dois movimentos: tender para o conceito e ser orientado pelo ente questionado, ou seja, que existe um “quem” tende para o conceito e o ente cujo sentido determina a orientação do questionamento.

Importa, então, a natureza de ser daquele que questiona e do questionado.

Do ponto de vista de quem pergunta, duas atitudes são possíveis. Pode-se questionar utilizando “um simples questionário” ou fazer o “desenvolvimento explícito da questão”.

Na página 14 de “Ser e Tempo”, Heidegger afirma que o perguntar pode ser um verdadeiro perguntar, ou seja, desde o primeiro momento “ver através” de si em todas as direções dos momentos constitutivos da pergunta:

“pode-se empreender um questionamento como um simples questionário ou como o desenvolvimento explícito de uma questão [... que torna] de antemão transparente o questionamento quanto a todos os momentos constitutivos mencionados de uma questão”.
(pág. 31).

Entendemos, então que, por intermédio do questionário, não estamos voltados para a pergunta de modo a desenvolvê-la a partir de sua própria estrutura, ou seja, não desenvolvemos

de forma explícita a questão. Ora, utilizar “um simples questionário” é uma forma de perguntar diferente daquela que vai “à coisa mesma”, faz aparecer, ou seja, torna o fenômeno visível. Lembremos que fenômeno é “o que aparece” (captável sensorialmente ou não) e atitude fenomenológica implica em ocupar-se com o que aparece “tal como aparece”.

Buscar através de “um simples questionário”, além de não tornar transparentes os momentos constitutivos da questão, não oferecer os caminhos a serem percorridos, os modos de percorrê-los, também não consideram a natureza de ser do questionado. A estrutura de ser do questionado, previamente, dá a orientação ao questionamento.

Heidegger sugeriu que questionemos tendo a orientação prévia do questionado. Então, perguntou: qual seria a orientação prévia dada pelo procurado, o sentido do ser?

Na analítica fundamental, ele definiu como uma das estruturas existenciais do *Dasein*, a “compreensão do ser”. Uma das implicações desta definição é que o perguntador está sempre, já, no âmbito da “compreensão do ser”. Essa compreensão prévia dá orientações também prévias. Ou seja, é dela que brota a possibilidade de explicitação da questão do “sentido do ser” e também a tendência para o seu conceito.

Segundo Heidegger, perguntar pelo “sentido do ser” já indica a existência de uma compreensão sobre esse sentido. É uma compreensão indeterminada e vaga, mas já existente.

Perguntar quer dizer que, embora não saibamos de maneira mais clara ou exata o que é nosso perguntado, já temos certa compreensão sobre o perguntado. A compreensão é mediana, indeterminada e vaga, mas, porque somos formadores de mundo, estamos sempre em seu âmbito. É esta compreensão deficiente que nos encaminha ao perguntar seja por intermédio do questionário ou de tornar transparentes os momentos estruturais da questão. Sempre existe uma compreensão prévia. Aparecemos no mundo e adquirimos, da tradição, opiniões, conceitos, crenças, teorias. Esta aquisição forma um “fundo” de entendimento não explicitado e elaborado - uma pré-compreensão -. O perguntador pergunta a partir desse ‘fundo’.

Como dissemos, quando ocorre um ‘desacerto reflexivo’, a necessidade de explicitação está instalada. Perguntar torna-se imperioso e estabelecemos uma questão. Tendendo para o perguntar que faz “aparecer o que se mostra” - o fenômeno -, constituímos-nos como um perguntador que se movimenta no âmbito do verdadeiro perguntar. Este, busca a estrutura do buscado, segue sua direção prévia. O perguntado oferece o sentido ao perguntador que se coloca na situação de acolhê-lo.

Enfim, trata-se de três atitudes iniciais. A primeira atitude será explicitar os “momentos constitutivos” da questão. A segunda consistirá na determinação das tarefas que, instituídas pela questão, devem ser executadas. A terceira, instituída pela questão e também pela estrutura de ser do questionado, define os modos de pôr a investigação em andamento.

Heidegger diz que o ser não é um ente como os outros. O modo de conhecer o “ente simplesmente dado” é diferente do modo de conhecer o ser. Este exige um modo próprio de demonstração.

Em nossa ciência, não investigamos o ser, tratamos das formas do *Dasein* ser com os outros humanos e com os entes “simplesmente dados”. O *Dasein* não é um “ente simplesmente dado”. A Relação Existencial que lhe é peculiar não pode ser investigada da maneira como se investiga qualquer “ente simplesmente dado”.

Embora Heidegger afirme a necessidade de discutir a questão do ser no tocante aos momentos estruturais referidos na questão e, embora estejamos no âmbito da “Análise da Relação Existencial” e nossas questões sejam ônticas e não ontológicas podemos seguir o modelo heideggeriano. A natureza de ser do ente ‘a relação existencial’ determina os modos de explicitação fenomenológicos. A cada questão, explicitaremos suas estruturas, estabeleceremos os passos que ela determinar que devem ser seguidos e definiremos modos de dar os passos. Com isto, podemos integrar o questionado e o questionador e “por em liberdade” o que aparece tal como aparece.

Seguir o comando da questão - agir de maneira fenomenológica - não é fácil. Heidegger diz o que não deve ser feito para não se evadir da questão.

Primeiro, não devemos “contar histórias”. Não contar histórias é não buscar a proveniência do ente (realizando a redução de modo que por intermédio de uma sucessão de perguntas e deduções alcancemos o dado irreduzível).

Elaborar uma questão é tornar transparente aquilo que se questiona. O questionado - o “sentido do ser” - e para torná-lo transparente é necessário que ele seja lido em um ente.

Então, qual seria o ente do qual teríamos de partir? É possível escolher arbitrariamente ou há um ente que tem primazia quando o caso é esclarecer o sentido do ser?

Essas perguntas esclarecem sobre o teor da analítica fundamental de Heidegger. Não esqueçamos também que estas afirmações de Heidegger dizem respeito a uma questão ontológica. Para esta questão - retomar o ‘sentido do ser’ que a filosofia ocidental esqueceu - a investigação teórica não é a melhor forma de agir, pois não consiste no verdadeiro perguntar.

A questão diz por “onde” temos que seguir. Nesse sentido, ao realizar trabalhos acadêmicos e pesquisas seremos comandados pela clareza sobre os “momentos constitutivos” da questão. A partir deles, procuraremos autores, conceitos, aplicações, etc.

“Na pergunta que investiga, isto é, na pergunta especificamente teórica, trata-se de determinar e traduzir em conceitos aquilo de que se pergunta. [...] O perguntar pode ocorrer como um “não mais que perguntar”, ou seja, como um verdadeiro perguntar. O peculiar deste perguntar é que” vê através “de si desde o primeiro momento em todas as direções dos mencionados caracteres constitutivos da pergunta mesma”. (p. 14).

Pretendemos transportar esta concepção para um caso de Ciência Humana, a Análise da Relação Existencial. O que podemos fazer para seguir a proposta heideggeriana, se a questão que o leva a esse método de investigação é estritamente ontológica?

É fato que, em certos setores de cada uma das ciências humanas, a pergunta especificamente teórica que investiga determinando e traduzindo em conceitos aquilo de que pergunta não se mostra adequada à estrutura de ser do perguntado. (Heidegger, 1996)

De acordo com as discussões heideggerianas apresentadas nos Seminário de Zollikon, (Heidegger, 2001) podemos considerar que o que o cliente traz dá a orientação para o analista existencial. Isto tem, estruturalmente, caráter fenomenológico. “Olhar” para aquilo que o analisando traz e realizar “desenvolvimento explícito” do que lá está é fundamental. A tarefa do analista existencial é explicitar “os momentos constitutivos mencionados”. Teremos os caminhos a seguir a partir, exatamente, daquilo que o analisando apresenta.

Este tipo de atitude é completamente diferente daquela que a Psicologia estabelece: os guias e caminhos são definidos por teorias explicativas *a priori* determinadas. Estas são estabelecidas desde outros lugares que não as formas afetivas compreensivas do analisando ser-com-o-mundo apresentadas na análise. Isto não significa o abandono do conhecimento estabelecido. Podemos buscar concepções e teorias. Mas esta busca há que ser orientada pelos dados “constitutivos mencionados” naquilo que a pessoa traz. Esta forma de agir não consiste em olhar desde o início por intermédio da lente desta ou daquela teoria científica. Se seguirmos a forma como Heidegger desenvolve sua questão, teremos como orientação para ação prática em Análise da Relação Existencial aquilo que o analisando apresenta tal como apresenta. O apresentado pelo analisando determina os caminhos a seguir.

Além disso, o “sentido do ser” exige, também, conceituação própria diferente da conceituação do ser do ente simplesmente dado. Metafísica esqueceu a questão do ser, do sentido do ser. Isto significa que, apesar do tanto que perguntou e desenvolveu sobre o ser dos entes deixou à margem a investigação do ser em geral, a investigação sobre o significado do que é.

Metafísica é, aqui, toda área de investigação que se ocupou com o ser dos entes deixando de lado a questão do sentido ser. Os variados tipos de ciências, as diferentes formas de Filosofia ocuparam-se com “setores de objetos”. O todo dos entes pode ser recortado em setores de objetos e cada setor pode se transformar em campo de investigação de uma disciplina. Cada disciplina vai buscar o ser dos entes que fazem parte de seu setor de objetos. Assim ocorreu o desenvolvimento do conhecimento humano que é o próprio desenvolvimento humano. A elaboração das estruturas fundamentais de um setor de objetos surge de uma elaboração já feita pela experiência e pela interpretação pré-científicas daquele que delimita o setor dos objetos (*Dasein*). Quer dizer, os conceitos fundamentais de uma ciência só podem acontecer porque uma pré-compreensão de ser já se deu. Eles são o fio condutor da primeira abertura concreta do

setor. Mas, para Heidegger, o peso de uma pesquisa não está no acúmulo de resultados nem na sua conservação em manuais. Está, sim, no questionamento da constituição dos fundamentos de cada setor. Uma ciência tem que sofrer uma crise em seus conceitos fundamentais para que as pesquisas se orientem por novos fundamentos.

1.2. Elaboração De Estruturas De Uma Área Científica Dedicada À Existência - Projepe: Projeto De Pesquisa E Estudos E Seminários Formação De Profissionais:

Em 1985 ocorreu a fundação da SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA HUMANISTA EXISTENCIAL que se dedicou a agrupar pessoas interessadas em Psicologia Fenomenológico-Existencial, estudar Fenomenologia, Existencialismo e Psicologia Humanista-Existencial e sistematizar conceitos principais dessas áreas para estabelecer fundamentos e métodos da Psicologia Humanista-Existencial.

Em 1993, a partir da Sociedade foi fundado o SOBAPHE - Instituto de Ensino e Formação em Psicologia Existencial e Análise do Existir.

O objetivo principal do SOBAPHE é analisar as possibilidades de entrelaçamento entre Fenomenologia e Filosofia Existencial e Psicologia, e dessas filosofias serem bases para formar uma organização paradigmática de fundamentos e métodos para uma área científica que tenha a Relação Existencial como seu objeto de trabalho.

Esta segunda tarefa é regida pela convicção de que é necessário pensar guias científicos adequados à estrutura de ser do homem - a existência -. A partir dessa convicção, surgiram muitas exigências. Entre elas está a necessidade de elaborar orientações paradigmáticas específicas para a clínica dedicada à Relação Existencial, e de formar profissionais por intermédio de:

- cursos de formação e aperfeiçoamento em psicologia fenomenológica existencial, fenomenologia e análise do existir;
- palestras, workshops, simpósios, jornadas, encontros, congressos, sobre filosofia, psicologia, psicoterapia, psicopatologia e cultura;
- agrupamento de pessoas interessadas em psicologia fenomenológica, existencial e “análise do existir”;
- orientação de grupos de estudos e pesquisas.

A SOCIEDADE sempre se dedicou a estudos e desenvolvimento da Psicologia Existencial, Fenomenologia e Análise do Existir. Por intermédio do Instituto SOBAPHE, a SOCIEDADE realiza eventos que produzam desenvolvimento e divulguem os trabalhos que tratam de questões estruturais dessa área científica, cursos de formação de profissionais em Psicologia Fenomenológica Existencial.

Outro importante trabalho desenvolvido é o método de “Análise da Relação Existencial”. Neste caso, a aplicação prática de guias paradigmáticos heideggerianos em clínica.

2. JUSTIFICATIVA

A adequada formulação da questão é o ponto de partida para todo e qualquer trabalho científico. Uma questão bem formulada é o que fundamenta a ampliação e construção de novos conhecimentos. Heidegger (1997), nesse sentido, é incisivo, e afirma que questionar é buscar. Portanto, pôr a questão, é a atitude básica e primeira de qualquer pesquisador. Para o autor, a natureza do buscar é justamente viver o estranhamento e a perplexidade. Isso implica em uma ruptura com a familiaridade e na superação do preconceito e da fácil credulidade. Tal processo, imprescindível enquanto tarefa para a questão, não significa que se deva buscar uma verdade absoluta, vale ressaltar.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

O caminho do método surgiu-nos à medida que íamos delineando, gradativamente, nossa inquietação em relação à formulação de uma questão para pesquisa. Podemos apontar nele alguns momentos significativos:

- I. Partindo das premissas heideggerianas acerca da formulação de uma questão, desenvolvemos um ciclo de palestras e seminários cujo objetivo era dar subsídios teórico-vienciais para profissionais interessados em realizar pesquisa qualitativa.
- II. Após o término do curso, que também mobilizara na equipe várias inquietações, surgiu-nos a idéia de realizar uma pesquisa baseada na experiência que vivêramos.
- III. Inicialmente, enviamos aos participantes nossa proposta, pedindo-lhes a autorização para que realizássemos a pesquisa baseada no curso ministrado. Assim, cada participante teria o papel de entrevistado.
- IV. Após a anuência de todos, procedemos à investigação dos interesses iniciais dos participantes, bem como dos efeitos que o curso provocara neles. Para tanto, as aulas foram gravadas, transcritas e mapeadas.
- V. Em seguida, rastreamos na fala dos professores e dos alunos, as unidades de significado que se apresentavam a partir dos questionamentos surgidos durante a vivência dos seminários, de acordo com a proposta fenomenológica apresentada por Amatuzzi (1996). Além das aulas teóricas, propusemos ao grupo que tentasse levantar uma questão relevante para a pesquisa qualitativa. Esse aspecto vivencial nos mostrou as inquietações, dúvidas, fantasias e pré-concepções que cada membro possuía no tocante à elaboração de pesquisa qualitativa.
- VI. Solicitamos aos membros participantes do grupo que nos enviassem por escrito suas histórias pregressas na área da pesquisa qualitativa e ainda que tipo de efeitos e/ou questionamentos o curso havia-lhes provocado.
- VII. Em tais relatos também foi realizada a busca de unidades de significados.
- VIII. Para finalizar, o grupo recebeu a devolutiva sobre os resultados obtidos.

3.1. Descrição da Atividade

A atividade realizada na oficina segue os mesmos passos realizados em nossos cursos de extensão em pesquisa qualitativa:

I – Introdução: justificativa / referencial teórico

II – Levantamento dos interesses do grupo

- Qual meu tema?
- Onde me movimento?
- Há uma inquietação?

III – Levantamento de uma questão comum (Redução Eidética)

IV – Formulação da questão

V – Momentos constitutivos da questão

VI – Determinação dos passos a seguir na pesquisa a partir da estrutura da questão – o que indica a metodologia que deve ser adotada (hermenêutica ou fenomenológica).

4. REFERÊNCIAS:

AMATUZZI, M. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*. Brasília: PUCCAMP, v. 13, n. 11, pp.5 – 10 jan./abr. 1996.

HEIDEGGER, M. *El ser y el tiempo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

PICCINO, J. D. *Para compreender “ser e tempo”*. Apostila. São Paulo: SOBAPHE, 2005.

Josefina Daniel Piccino,
Débora Candido de Azevedo,
Erika Lincoln do Amaral Leite,
Marcos A. T. Cipullo.